

O UNIVERSO COMO PATRIMÔNIO: BORGES E MACHADO DE ASSIS

Luciana Damasceno

Resumo:

Este ensaio foi originalmente apresentado à Universidade de São Paulo, como requisito para a conclusão da disciplina Estudo de um grande autor: Jorge Luis Borges, ministrada, na Pós-Graduação, pelo professor e crítico literário Davi Arrigucci Jr., no 2º semestre de 1995.

Tem como propósito estabelecer conexões entre o projeto estético do escritor argentino e o de Machado de Assis, apoiando-se em dois ensaios: **El escritor argentino y la tradición**, de Borges, e **Instinto de nacionalidade**, de Machado.

(...) sempre reconhecemos como natural a nossa inevitável dependência. Aliás, vista assim, ela deixa de o ser, para tornar-se forma de participação e contribuição a um universo cultural a que pertencemos, que transborda as nações e os continentes, permitindo a reversibilidade das experiências, a circulação dos valores.

Antônio Candido

Se se tomam dois escritores como Borges e Machado de Assis, de obra grandiosa, no intuito de se fazer um estudo comparativo, é preciso delimitar muito bem em que pontos consiste a comparação e qual a sua pertinência para a pesquisa literária. Neste caso, há argumentos aos mil para justificar um paralelo entre as obras dos referidos escritores: ambos tematizam o conflito do indivíduo com a História; ambos constroem uma narrativa biflexa(1); na obra de ambos, o leitor encontra-se pressuposto na tessitura do narrado; e, no âmbito extra-literário, ambos se inserem numa realidade histórico-cultural muito peculiar, que é a latino-americana - em que a busca de afirmação da nacionalidade confunde-se com a de afirmação da identidade -, realidade essa que, por ambos, é problematizada. Particularmente, interessa-me essa última questão, porque abarca, a meu ver, todas as anteriores. A partir do posicionamento de ambos a respeito do que seria o encontro dialético entre valores literários nacionais e universais, ou mesmo do que seria a anulação da fronteira entre esses valores, creio ser possível pensar a obra dos dois em sua totalidade sistêmica.

É forçoso confessar a dificuldade de se lidar com um tema tão controverso e tão discutido como esse a que me proponho aqui abordar. A tentativa de síntese de tão vasto assunto pode levar, ao contrário do que se espera, a afirmações redutoras e imprecisas, que se perderiam, sem dúvida, no mar de páginas já escritas. E como agravante há o fato de que pretendo colocar a questão partindo de dois autores

sobre cuja obra a cada dia aparece uma crítica, um estudo, uma análise, uma interpretação, uma hermenêutica... Devo confessar que não só os escritores, mas também os críticos, padecem (com o perdão da palavra) da angústia da influência bloomiana. O que vamos dizer- perguntamos-, se tudo nos parece já dito? Como vamos fazer para sermos originais na era em que tudo parece cópia e clonagem de idéias? Machado de Assis, ele mesmo, divertir-se-ia com tais dúvidas hamletianas de nossa crítica atual; ele que, naquele tempo, preocupava-se era com a escassez e a pobreza da crítica literária, e argumentava que só com o estabelecimento de uma crítica fecunda teríamos uma grande literatura (2). Sem dúvida, essa crítica já existe, e é resultado de uma longa e produtiva relação com a atividade criadora - relação essa por vezes intrincada e polêmica, mas sempre indiscutivelmente dialética .

Todos esses circunlóquios são para justificar a pequenez do ângulo em que me posiciono neste ensaio: não pretendo ser original , tendo como modelo críticos e estudiosos do porte de Antônio Cândido, Davi Arrigucci Jr., Emir Monegal, Ruben Bareiro Saguier, José Miguel Oviedo, Enrique Zuleta Álvarez - só para citar alguns nomes dos que se aprofundaram na reflexão sobre a literatura latino-americana e, mais especificamente, sobre a peculiaridade de Borges e/ou Machado no contexto da referida literatura. Também não há como ser original diante da fonte - a única atitude de quem tem sede, diante dela, é a de beber de sua água, e... banhar-se. É apenas isso que vou fazer, para não fugir à regra, diante da fonte borgiana-machadiana, esse manancial.

Mas, para não engolir cântaros sem necessidade, farei aqui unicamente o cotejo de dois ensaios significativos de Borges e Machado no que tange ao tema referido. De Machado, o **Notícia da atual literatura brasileira - instinto de nacionalidade** (de 1873) (3); de Borges, o **El escritor argentino y la tradición** (de 1932)(4) . Ambos os ensaios são igualmente uma aguda crítica ao nacionalismo literário americano. É impressionante a semelhança de abordagem da questão nos dois, como é impressionante a postura avançada de Machado de Assis em relação ao seu tempo, o qual se amparava em uma literatura de afirmação eminentemente nacionalista. Os dois ensaios são bastante citados e costumam servir de ponto de partida para comentários sobre o universalismo dos dois escritores e sobre até que ponto a cor local (expressão utilizada tanto por Machado quanto por Borges) justifica por si só a existência de uma literatura. Como exemplo, pode-se confrontar o percuciente estudo de Enylton de Sá Rego, *O calundu e a panacéia...*, no qual a postura machadiana explicitada nesse ensaio é analisada à luz da inserção do escritor numa tradição que remonta há séculos - a da sátira menipéia, recuperada por Luciano, no séc.II D.C. -, e no qual, ainda que de passagem, é citado um trecho do ensaio borgiano, com vistas a revelar a antecipação do problema por Machado (5). Também é mister confrontar o ensaio de Davi Arrigucci Jr., *Da fama e da Infâmia: Borges no contexto literário latino-americano*, em que, dentre outras considerações importantes, é feito o paralelo entre Borges e Machado, ainda dentro desta mesma perspectiva; só que, ao contrário do texto de Sá Rego, o ensaísta procura (da mesma maneira que faz com Borges, com relação ao contexto histórico-literário argentino) mostrar que, no que concerne a Machado, é importante não desvinculá-lo de uma tradição literária local - a brasileira - e de suas (da tradição) peculiaridades históricas, para isso tomando como base as conclusões a esse respeito do crítico Antônio Cândido, feitas na década de 50, e que se encontram relatadas no seu *Formação da literatura brasileira*. Segundo Arrigucci,

Candido resolve o enigma machadiano quando mostra que Machado faz literatura universal pelo aprofundamento das sugestões locais (6). Para não nos perdermos em citações de citações que remetem a outras citações e assim sucessivamente - haja vista ser a crítica literária um mosaico tão borgiano quanto os próprios textos de Borges - paremos por aqui, acrescentando apenas que os estudos de Sá Rego e de Arrigucci acabam assim por se tornar verso e anverso de uma moeda única.

No entanto, ainda não se fez um exame meticoloso das coincidências observáveis nos ensaios do escritor argentino e do brasileiro, no que diz respeito a essa questão. Examinemos alguns excertos:

Instinto...

Há [na opinião da crítica] um instinto que leva a aplaudir principalmente as obras que trazem os toques nacionais(...) e nisto há mais erro que acerto.

Compreendendo que não está na vida indiana todo o patrimônio da literatura brasileira, mas apenas um legado, tão brasileiro como universal, não se limitam os nossos escritores a essa só fonte de inspiração(...)Devo confessar que neste ponto manifesta-se às vezes uma opinião que tenho por errônea: é a que só reconhece espírito nacional nas obras que tratam de assunto local, doutrina que, a ser exata, limitaria muito os cabedais da nossa literatura.

El escritor argentino...

La idea de que la poesía argentina debe abundar en rasgos diferenciales argentinos y en color local argentino me parece una equivocación.

Quiero señalar otra contradicción: los nacionalistas simulan venerar las capacidades de la mente argentina pero quieren limitar el ejercicio poético de esa mente a algunos pobres temas locales, como si los argentinos sólo pudiéramos hablar de orillas y estancias y no del universo.

Instinto...

(...)e perguntarei mais se o Hamlet, o Otelo, o Júlio César, a Julieta e Romeu têm alguma coisa com a história inglesa nem com o território britânico, e se, entretanto, Shakespeare não é, além de um gênio universal, um poeta essencialmente inglês.

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.

El escritor argentino...

(...)Creo que Shakespeare se habría asombrado si hubieran pretendido limitarlo a temas ingleses, y si le hubiesen dicho que, como inglés, no tenía derecho a escribir Hamlet, de tema escandinavo, o Macbeth, de tema escocés(...)

Creo que los argentinos, los sudamericanos en general, estamos en una situación análoga; podemos manejar todos los temas europeos(...)creo que este problema de la tradición y de lo argentino es simplemente una forma contemporánea, y fugaz del eterno problema del determinismo.

(...)nuestro patrimonio es el universo(...)

Pelo que conhecemos da obra de Machado de Assis e Borges, podemos perceber quão importantes são essas considerações e como elas servem de fundamento para sua produção artística. Os trechos coincidentes foram assinalados não simplesmente para mostrar como pensaram parecido os dois escritores, ainda que em tempos diferentes, mas também, e basicamente, para mostrar a importância de uma questão que está no centro do debate sobre a formação de uma literatura latino-americana mestiça e de como se pode cometer erros numa avaliação de cunho ufanista. O que Borges e Machado não queriam, e o deixaram bem claro, era consentir que uma camisa-de-força (a doutrina nacionalista) limitasse sua liberdade de criação; e por causa disso, evidentemente, foram muito atacados. A respeito de Machado, não deixa de ser curioso o seu pioneirismo neste debate; poderíamos mesmo dizer que ele é um precursor de Borges e de outros escritores latino-americanos, deste século, que se preocuparam com o entendimento da questão no âmbito artístico. Além disso, conhecemos a quantidade de restrições que fizeram a sua obra por causa disso, sendo que só há algumas décadas a crítica vem se posicionando na direção de uma interpretação mais penetrante do fenômeno (conforme vimos acima), embora haja ainda quem procure justificá-lo ou contestá-lo a partir de uma ótica determinista. Também com Borges acontece o mesmo, e podemos ver, por este fragmento de um ensaio de Mario Benedetti, como a crítica pode incorrer em reducionismos simplistas, por vezes imperdoáveis:

Injusto ou não, o fato é que a maioria dos escritores latino-

americanos assumem a sua comarca, mesmo cientes de que essa atitude sempre significa um obstáculo para chegar a outros leitores, a outros meios. Naturalmente, sempre há criadores (e, às, vezes de primeira linha) que preferem prescindir de sua comarca para entrar diretamente no universal. É o caso de Jorge Luis Borges, talvez o mais conhecido na Europa dos escritores latino-americanos.(...) Não seria justo omitir aqui que Borges faz esporádicas referências à sua comarca, mas a verdade é que tais referências só aparecem como pretextos. Cada uma de suas personagens argentinas de modo geral é (para dizê-lo numa das línguas que Borges mais estima) the wrong man in the wrong place, já que foi pensado com um olhar (e o que é mais decisivo: com uma sensibilidade) europeu. (7)

A concepção de literatura aí subjacente denota o apego a um realismo naturalista, que pressupõe que a criação deve pretender-se cópia do real e - o que é pior - de um real imediato. Mas - para usar as felizes expressões machadianas - as personagens devem ser pessoas morais e não títeres (8) e não podem, portanto, estar a serviço de uma que outra causa nacionalista abraçada por seu autor, a não ser que o contexto estrutural da obra o permita. Além da inverdade contida na afirmação de que Borges só faz referências esporádicas a sua comarca, é absolutamente contestável a de que as personagens argentinas do dito autor estão como que no lugar errado, afirmação essa que denuncia que Benedetti não possui a mínima compreensão do mundo borgiano e, mais, do mundo da criação de maneira geral: creio que os Nielsen ou Rosendo Juaréz não podem ser vistos como meros pretextos ou fantasmas de um mundo feito o de Morel, e se ali foram colocados - no pampa ou no arrabal portenho - é porque esse foi o espaço necessário para garantir e justificar-lhes o estatuto de literários, de filhos de uma concepção (nos dois sentidos) de linguagem simbólica. Também não deixa de ser incongruente a explicação de Benedetti para o que ele considera a existência de personagens deslocados na escritura borgiana: é porque foram pensados, diz ele, com sensibilidade e olhar europeus- novamente repetindo o pregão da falácia nacionalista. Sabemos que o olhar ou a sensibilidade artística não têm pátria, pois se tivessem não poderiam ser artísticos, mas apenas comezinhos e triviais. E, para finalizar este esclarecimento, a frase prescindir de sua comarca para entrar diretamente no universal me fez lembrar a sala escura onde a Alice de Carroll caiu e aquelas portas todas que ela tinha diante de si. Imaginei Borges sendo Alice e as portas daquela sala tendo inscrições gravadas do tipo Província de Buenos Aires, Província do Rio de Janeiro, Universal , cada porta com sua chave correspondente na fechadura: Borges então, seduzido pela liberdade de poder escolher a chave que quisesse, prescinde de sua comarca, dando-lhe as costas, e abre , sem hesitação, a porta Universal. É muito engraçado!

Retomando o exame dos ensaios, podemos ver que nenhum dos dois pode ser caracterizado como negação do espírito patriótico, mas, fundamentalmente, como afirmação da virtude do escritor, que é a de possuir o universo inteiro - inclusive a sua pátria empírica - como matéria de poesia e criação simbólica. Daí porque Borges

tem o direito inalienável de refundar misticamente Buenos Aires, e Machado, o de criar uma personagem capaz de desdenhar, com acrimônia, os azares de uma burguesia carioca incipiente e insipiente, como é o caso de Brás Cubas.

NOTAS DE REFERÊNCIA

1. Expressão utilizada pelo Prof. Davi Arrigucci, em sala de aula, para significar a narrativa centrada sobre si mesma, típica da tradição literária moderna.
 2. Cf. O ideal do Crítico, ensaio do autor de 1865. In Obras Completas. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1992, pp.798-801, vol. III.
 3. Machado de Assis, op. cit., pp.801-809.
 4. Jorge Luis Borges, Obras Completas (1923-1972), Buenos Aires, María Kodama y Emecé Editores, 1994, Vol. I, pp. 267-274.
 5. O calundu e a panacéia: Machado de Assis, a sátira menipéica e a tradição luciânica. R. Janeiro, Forense Universitária, 1989, p.118, 119.
 6. In: Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência. S. Paulo, Cia. das Letras, 1987, pp. 196-226.
 7. Mario Benedetti. Temas e problemas, in: América latina em sua literatura. São Paulo, Perspectiva, 1979, p.377, grifos meus.
 8. Cf. o ensaio Eça de Queirós: O primo Basílio. In: op.cit, pp.
-

BIBLIOGRAFIA

****Obs.:** Muitos dos autores abaixo não foram citados no corpo do trabalho, porém lhe deram embasamento. Também foram preciosas as anotações feitas no curso ministrado pelo Prof. Arrigucci.

- Arrigucci Jr., Davi. Da fama e da infâmia (Borges no contexto literário latino-americano). In: Enigma e comentário. São Paulo, Cia. das Letras, 1987.
- Assis, Machado de. Obras completas Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1992, vols. I, II, III.
- Álvarez, Enrique Zuleta. Borges, Lugones y el nacionalismo. In: Cuadernos Hispanoamericanos (Homenaje a Jorge Luis Borges). Madrid, Inst. de Cooperación Iberoamericana, julio-septiembre 1992, pp.535-549.
- Benedetti, Mario. Temas e problemas. In: América latina em sua literatura. Trad. Luis João Gaio. São Paulo, Perspectiva, 1979, pp.363-381.
- Borges, Jorge Luis. Obras completas. Buenos Aires, María Kodama y Emecé Editores, 1994, vols. I, II, III.
- Borrello, Rodolfo A. Borges, lector de las letras argentinas. In: Cuadernos..., pp.195-210.
- Candido, Antônio. Literatura e subdesenvolvimento. In: América latina... pp.343-362.
- Campos, Vera Mascarenha de. Borges & Guimarães : na esquina rosada do grande sertão, São Paulo, Perspectiva, 1988.
- Goelkel, Hernando Valencia. A maioridade. In: América latina..., pp.113-128.
- Monegal, Emir Rodríguez Monegal. Borgès par lui-même. Trad. Françoise-Marie Rosset. Paris, Éditions du Seuil, 1970.
- _____. Borges e Paz: um diálogo de textos críticos. In: Borges: uma poética da leitura. Trad. Irlomar Chiampi. São Paulo, Perspectiva, 1980.
- Oviedo, José Miguel. Uma discussão permanente. In: América latina..., p.437-454.
- Pedrosa, Célia. Nacionalismo literário. In: Palavras da Crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura. Org. José Luis Jobim, Rio de Janeiro, Imago, 1992, pp.277-303.
- Rego, Enylton de Sá. O calundu e a panacéia: Machado de Assis, a sátira menipéica e a tradição luciânica. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1989.
- Retamar, Roberto Fernández. Intercomunicação e nova literatura In: América latina ..., pp.325-339.
- Saguier, Rubén Bareiro. Encontro de culturas. In: América latina..., p.3-24.
- Schwarz, Roberto. Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. 2a. Ed., São Paulo, Duas Cidades, 1981.
- _____. Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis. S. Paulo, Duas cidades, 1990.

